

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO
DISCIPLINA: COM 1401

PROJETO EXPERIMENTAL: GRANDE REPORTAGEM

"A DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS EM SANTA CATARINA"

ALUNA: Jossane Ristow

ORIENTADOR: José Gatti

170.002

(...) Não podemos cometer enganos: se essa atitude e esse comportamento dos escritores responsáveis podem contribuir, cedo ou tarde, para aumentar a capacidade de leitura de nossos povos, essa luta, então, contra a ignorância, a alienação e a espoliação entrará em sua fase mais crítica; pois, quanto mais houver homens prontos a assumir aquilo que a leitura lhes houver revelado, maior e mais agressiva será a desconfiança dos que preferem governar robôs em vez de povos, e mais dura será a repressão intelectual e moral, mais perigoso o ato de ler e de escrever como homens livres. Enquanto essas atividades guardarem um caráter essencialmente hedonista, o poder tomará conta delas e até lhes dará recompensas. Mas desde que sintam que ler e escrever fazem parte do arsenal de uma guerra de libertação, voltarão suas armas contra o pensamento que hoje nos retém num clima tão diferente, neste lugar, onde minhas palavras poderão parecer a alguns como uma manifestação de delírio de um autor de textos fantásticos — o que hélas — não é o caso".

JÚLIO CORTÁZAR

INDICE

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que colaboraram para a realização desse trabalho, e em especial para:

Alcides Buss;
Alírio Ebehart;
Cleber Teixeira;
Francisco Karam;
Hamilton Alexandre;
Marta Martins Silva;
Théo Last;
Walter Costa;

ao orientador José Gatti;

E a Paulo Arenhart (pela cobertura fotográfica.)

I N D I C E

	<u>pág.</u>
INTRODUÇÃO	05
SITUAÇÃO EM SANTA CATARINA	09
DISTRIBUIÇÃO: Problema ou não	23
CONCLUSÃO	46
BIBLIOGRAFIA	49

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico, entre outros fatores, proporcionou um desenvolvimento no campo gráfico brasileiro. Com isso, o setor editorial viu diminuir (no primeiro momento) grande parte de seus problemas de impressão. A aquisição de um maquinário mais sofisticado possibilitou um aumento rápido das tiragens do livro brasileiro que até então eram consideradas obsoletas para o número de leitores existentes no país.

Esse progresso provocou uma corrida brusca em termos de quantidade. O número de casas editoras aumentava dia a dia, mais e mais livros ~~eram~~ editados sem o mínimo critério. O número de postos de vendas já não comportava a desenfreada produção livreira. Em termos de comércio, não houve o acompanhamento dessa marcha; a distribuição ~~era~~ em geral, falha. A partir daí percebia-se que muita coisa importante estava acontecendo com um dos maiores instrumentos da difusão e conservação da cultura.

Nos anos ~~de~~ 67 a 69 uma pesquisa encomendada à Fundação Getúlio Vargas sobre "A produção de livros no Brasil", representou o primeiro passo para o estudo da produção e comercialização do livro. Essa pesquisa revelou que: "(considerando a indústria gráfico-editorial genericamente) o que falta não é capital, mas força propulsora, por carência de

(?) talvez(?)

espírito empresarial como por má orientação dos investimentos e limitações do sistema de distribuição".¹

Santa Catarina, assim como outros estados do país, está fora do eixo onde ~~estão concentradas~~ ^{CONCENTRAM-SE} as grandes editoras e a maioria dos postos de vendas, e também se ~~resente~~ ^{RESSENTE} do problema. Para tanto, ~~este~~ trabalho tem a intenção de fazer um mapeamento da situação a nível estadual.

Tanto autores como consumidores de livros têm sérias queixas a fazer aos editores e distribuidores do Estado. A inexistência de uma política de distribuição estruturada tem causado um isolamento cultural maior do estado e ~~trazendo~~ ^{trás} conseqüências bastante prejudiciais à produção literária em Santa Catarina.

O que se percebe é que a maior preocupação das editoras (com raras exceções) é editar, deixar o livro pronto, dando assim por encerrado o processo de produção livreira. Como nossas editoras sobrevivem então? Porque não investir na distribuição? Como a editora da Fundação Catarinense de Cultura e da UFSC fazem para circular suas publicações, já que as despesas de produção saem em outras fontes?

~~Este trabalho pretende mostrar, principalmente, o fato de que esse trabalho tem para mostrar e comprovar,~~ que não existe uma distribuição adequada às necessidades do estado, que não há preocupação em fazer com que o livro chegue ao público leitor.

¹ O livro brasileiro - desde 1920 (Clímpio de Souza Andrade) p.4.

No próximo capítulo ~~descrevemos~~ ^{descrevemos} a ~~no capítulo seguinte está a descrição da~~ situação da distribuição em Santa Catarina. ~~Revelamos a~~ ^{Revelamos a} maneira pela qual as editoras e distribuidoras fazem a distribuição de seus livros, como os livros chegam ao interior, se chegam...

~~Continuando ainda, dá também~~ ^{Mais adiante, está} a opinião de pessoas que trabalham com o livro em Florianópolis, ~~que foram~~ ^{basicamente} discutidas no debate "A Distribuição de Livros em Santa Catarina", ~~ocorrida no curso de Jornalismo da UFSC.~~ ^{ocorrida no curso de Jornalismo da UFSC.}

Verificado o problema, mais de 15 anos se passaram e constatamos que, sob certos aspectos, o livro no Brasil ainda está em crise latente. Percebe~~o~~ ^{mos} que, após o crescimento do mercado editorial nos primeiros anos da modernização do setor, houve uma estagnação na capacidade de produção e distribuição do mercado brasileiro. O campo editorial não acompanhou o crescimento populacional e a baixa do índice de analfabetismo do país. Segundo um relatório recém divulgado pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros (SNEL), em 82 havia cerca de mil editoras no país, sendo que apenas 25% destas editavam regularmente. Ora, para um país que em 82 contava com 120 milhões de habitantes para ser atendido por 250 casas editoras e aproximadamente 900 postos de vendas, ~~comprovamos mais do que nunca que~~ ^{convenhamos que} (apesar do inegável crescimento da atividade editorial entre nós ao longo destes anos), temos ainda um longo caminho a percorrer.

A primeira etapa desse caminho seria tentar incorporar novos contingentes de leitores, principalmente fora dos gran-

des centros. O escasso número de livrarias no Brasil (número mais escasso ainda no interior) comprovam a fragilidade no sistema de distribuição. Esta, concentrada ~~em~~ sua maioria no eixo Rio-São Paulo, onde também se concentram 90% das editoras. Ou seja, a produção de livros e o seu sistema de comercialização tornaram-se escassos se comparado a sua importância cultural.

~~Quando assim constatou-se~~ ^{Estudo neste sentido constatou} que, além do reduzido número de editoras e de tantos outros problemas de ordem econômica, social e política que têm emperrado e dificultado a difusão da cultura no país, existe um grave ponto de estrangulamento no setor que é a "rarefação da malha de livrarias e sua escassa capilaridade em relação às cidades do interior"². Estes dois itens são provas da fragilidade do sistema de distribuição.

O que cabe analisar aqui, ~~isso~~ a nível de Santa Catarina, é exatamente esse ponto de estrangulamento que vem perturbando e quebrando o circuito escritor-editor-distribuidor-livreiro-leitor.

~~Sabendo~~ ^{Sabemos} que a distribuição interfere diretamente na formação de um mercado consumidor de livros e que as grandes, médias e pequenas editoras vêm adotando novas estratégias de comercialização. Como vender, senão organizando um bom esquema de divulgação e distribuição?

² Lord Keynes - Pela democratização da leitura - artigo publicado na Leia Livros/Outubro de 1984.

Algumas editoras, na sua maioria dos grandes centros, têm buscado novos canais de escoamento do produto. To ^{muito} como exemplo a editora Abril, ~~que foi~~ pioneira (e bem sucedida) em usar bancas de jornais e revistas como postos de vendas de livros. ~~Essa~~ ^A estratégia ~~de~~ ^{da} Abril ~~destruiu~~ ^{destruiu} com alguns mitos do tipo "o brasileiro não lê", "livro é produto cultural, portanto, para elites", ou "o livro é caro". São para citar, a coleção de "Os Pensadores", ~~de Abril, que~~ ^{hoje} ~~em~~ ^{em} 3.^a edição, vendeu até agora quase 4 milhões de exemplares. Isso é fabuloso, ^P prova que o livro é um bom investimento, e ^{uma} popularização, ~~de~~ ^{de} melhor ainda.

Outros canais, ~~que~~ ^{Também} são usados para maior penetração do livro, ~~que são:~~ reembolso postal, mala direta, círculo do livro, farmácias, supermercados.

SITUAÇÃO EM SANTA CATARINA

Santa Catarina conta atualmente com quatro distribuidoras, sete editoras (apenas quatro editam regularmente) e aproximadamente duzentos postos de vendas.

As distribuidoras são: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Editora da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Editora Lunardelli, Editora Noa Noa, Editora da Fundação Joinvillense de Cultura (FJC), Editora Casa Dr. Blumenau e Editora e Gráfica Ribeiro (de Cri-

ciúma), sendo que estas três últimas não editam regularmente.

As distribuidoras existentes no Estado estão todas localizadas em Florianópolis. Elas são responsáveis pelo atendimento das livrarias³ do interior do Estado.

~~A Distribuidora Catarinense, segundo~~
~~segundo Waldir Pedri, é responsável pela dis~~
~~tribuidora Catarinense, e~~ ~~trabalha~~ com 32 editoras no total. Mantém um contrato de exclusividade com algumas, como é o caso da Nova Fronteira, Ática, Brasiliense, Difel e outras.

Calcula-se que em Santa Catarina existam aproximadamente 200 postos de vendas, dos quais 110 são atendidos pela Distribuidora Catarinense. ~~Estes~~ A maioria destes postos de vendas está localizada nas maiores cidades do Estado; Blumenau, Joinville e Criciúma.

Nesse atendimento ao interior são remetidos, normalmente, uma média de 200 a 300 títulos por mês, numa tiragem aproximada de 500 livros.

Estes dados são considerados em média, pois a distribuidora não tem um levantamento estatístico para ~~re-~~
~~conferir~~ com exatidão.

Destes 500 livros mensais ~~que são~~ remetidos, ~~60~~
~~segundo Waldir, a maioria~~ ~~é~~ best-seller. ~~Waldir~~ considera acrescenta Revelar ELE

³ Sempre que falarmos em livraria, estamos nos referindo a postos de vendas, pois são poucos os lugares que vendem livros que podem se dar ao luxo de chamar livraria. São lugares que vendem inclusive li-
vros.

que a distribuição em Santa Catarina é bem feita. Atualmente existe um grande número de vendedores, das mais diversas editoras, que percorrem a região fazendo a venda direta aos postos ~~de vendas~~. Sobre os títulos que não chegam às livrarias, ~~de acordo com~~ ^{Waldir Peder atribui duas razões. A} falta de planejamento das editoras, que se contentam em fazer circular seus livros no eixo Rio-São Paulo, ~~além do~~ ^{e o} fato de que nem sempre as distribuidoras tomam conhecimento dos livros que são editados. Isso vale também para os livros editados no interior do Estado, ^{os quais} a distribuidora praticamente não toma conhecimento.

^{Enquanto isso,} ~~Porém,~~ a situação dos livros editados no Estado é diferente, já que contamos com publicações de pequenas e médias editoras, quando não edição do autor. Na sua maioria, não têm condições de suportar o esquema de consignação e outras exigências feitas pelos distribuidores. Há outro dado importante, que é o fato de que o "o livro catarinense não vende". ^{PARA} Waldir, que praticamente não trabalha com livros de autores catarinenses, ~~diz que~~ ^{porque} os livreiros não se interessam pelos livros daquele ~~autor~~ ^{assim causam} não vendem e ~~vão ter~~ prejuízo.

Resta saber, exatamente, porque ~~eles~~ não vendem. É óbvio que ~~precisamos~~ ^{precisamos} levar em consideração a qualidade literária dos livros. Porém, ~~sabemos que~~ ^é o mercado que vai selecionar o que é bom e o que não é. O leitor é que vai estabelecer critérios. ^A partir dele se poderá saber para que tipo de leitura há consumo, de como o leitor e as futuras edições poderão ser trabalhadas. Mas isso depende de todo um

trabalho editorial que tenha o mínimo de compromisso com a cultura.

Assim como a distribuidora Catarinense, a distribuidora Lunardelli ~~também~~ mantém contrato de exclusividade com várias editoras, 15 aproximadamente. Sendo assim, é fácil perceber que as duas maiores distribuidoras do estado detêm o monopólio do comércio do livro.

~~Segundo~~ ^{DE ACORDO COM} Odilon Lunardelli, proprietário da distribuidora, a maioria dos que ele distribui fica aqui em Florianópolis mesmo. A parcela que é requerida pelo interior é muito pequena.

As distribuidoras, de um modo geral, recebem todos os lançamentos das editoras com as quais mantêm o contrato de exclusividade; das outras, ~~elas~~ recebem catálogos com os títulos e, dependendo do interesse, fazem o pedido.

A distribuidora Lunardelli usa desse esquema ^{também} com os livreiros do estado. ~~também~~ Ou seja, ^{ENVIÁ} ~~ele manda~~ os lançamentos das editoras e, se interessar aos mesmos, ~~faz~~ efetiva ~~o~~ pedido. Segundo Odilon, toda essa transação fica previamente decidida em contrato. ^{O mesmo ocorre com} ~~assim como~~ os prazos de consignação, que variam de 30, ^{ou} 60, 90 dias para o pagamento.

Waldir e Odilon têm a mesma opinião quanto à distribuição em Santa Catarina: consideram que o estado é "bem servido".

^{Falta} ~~Resta~~ saber ^{contudo,} que eles consideram ^{como} ~~o estado~~ "o estado", pois em uma rápida visita às livrarias das ditas gran

des cidades (Joinville, Blumenau) percebe-se que essa afirmação não é verdadeira. As livrarias do interior carecem de títulos que não sejam os best-seller.

Quanto aos livros editados em Santa Catarina, a ~~distribuidora~~ Lunardelli só distribui os ~~que são editados~~ ^{de sua} ~~pela sua~~ editora, pois além de ser distribuidor ~~e~~ livreiro, ^{também} é editor ~~em~~. No que se refere ao trabalho de distribuição de sua editora, veremos mais ^{adiante} ~~onde~~.

A distribuidora Estudantil, que pertence ao filho de Odilon Lunardelli, Luiz Lunardelli, iniciou seu trabalho há pouco tempo e, juntamente com a Catarinense, distribui os livros editados pela Fundação Catarinense de Cultura. Além ~~deles~~ ^{deles}, ~~etc~~ distribui de ~~outras editoras~~ poucas editoras de fora do estado, pois segundo Luiz, ^{a Estudantil está} ~~ela~~ ~~está~~ no início dos trabalhos de distribuição. Como as outras, ~~ela~~ faz uso de catálogos para ^{que chegue} ~~chegar~~ aos livreiros os lançamentos das editoras.

No que diz respeito ao atendimento dos leitores da faixa infanto-juvenil, existe a distribuidora Conel.

^{LAST} ^{Silva} Théo e Marta responsáveis pela distribuidora atendem com regularidade 10 postos de vendas, ^{eventualmente outros} ~~em outros~~ ~~esporadicamente~~. Os pedidos, ^{em geral} ~~normalmente~~ são feitos diretamente à distribuidora ou ao vendedor que ela mantém para percorrer algumas cidades do estado. A Conel manda todos os lançamentos que recebe, para seus compradores habituais, e, se interessar, os livreiros fazem seus pedidos.

Sua distribuição se restringe, normalmente, a Joinville, Blumenau e Criciúma. Apesar de atender com frequência estas cidades, Théo afirma que seu forte de vendas é aqui em Florianópolis, "é aqui o foco de estudos". Seus livros atendem, na maioria, a área de psicologia e ~~infância~~ infanto-juvenil, apesar de trabalhar também com ~~arte e literatura~~ literatura.

Da mesma forma que as outras distribuidoras ~~citadas~~ citadas, a Conel tem contrato de exclusividade com 17 editoras. ~~Se não~~ é, no entanto, ~~ela~~ ela a única distribuidora de livros infantis do estado.

Théo acredita que a grande falha na distribuição ~~(em geral)~~ está no fato de que o distribuidor, normalmente, é também um grande livreiro. Em função disso, provoca ~~provocando com isso~~ uma concorrência desleal com as livrarias (ver debate). Afirma, ainda, que "o maior problema não está só na distribuição e sim no investimento do livro como produto importante. Não há o hábito da leitura. Santa Catarina, se comparada ao Paraná e ao Rio Grande do Sul, é um estado que não lê, basta ver o sucesso que são as feiras de livros realizadas nestes estados".

O costume de se dizer "que não existe o hábito de leitura", parece que tem acomodado e até legitimado a falta de programas dos responsáveis oficiais pela cultura do estado. Este fator, na verdade, ~~quando na verdade, há sim que~~ deveria ~~ser~~

estimular

~~estimado~~ para que se trabalhasse, se fizesse projetos para a formação de novos leitores, para criar um público consumidor de idéias. ~~Este programa "Brasil Leitor, Use Le" que acabou~~

No que diz respeito ao estado de Santa Catarina, essa desmistificação demorará a acontecer, já que a atividade editorial não é levada muito a sério. ~~A sua~~ ^{maioria} ~~dos editores considera~~ ^{encerrado} o trabalho de edição quando o livro está impresso. Praticamente não existe uma estrutura organizada de divulgação e distribuição dos livros. Segundo Odilon Lunardelli (^{também} proprietário da editora Lunardelli), "o lucro do livro não paga os gastos que se tem com a divulgação e distribuição".

Essa afirmação nos remete a um questionamento: como sobrevivem ~~então~~ ^{as editoras}, de onde vem o "lucro" que mantém a sua produção?

A editora Lunardelli, que lança ao mercado ~~aproximadamente~~ ^{em média} um (1) livro por mês, com uma tiragem de 2.000 a 3.000 mil exemplares, confirma ~~que~~ enfrenta problemas ~~com~~ na circulação dessa tiragem. "A falta de livrarias e a distância" são os principais empecilhos. ^{argumento Lunardelli, acrescenta} Suas edições são mandadas para distribuidores em todo o Brasil, através do programa chamado "cota de novidade". ^{Explicar que} ~~porém~~, "o livro catariense não vende", ~~assalta Odilon~~, pois os grandes estados

⁴ Pacote que contém todos os livros lançados pela editora.

não dão viabilidade aos estados pequenos, além de não acreditarem em autores dos estados menores!"

No que diz respeito à distribuição para o interior do estado, a editora Lunardelli só atende as "livrarias" se elas próprias sentirem a necessidade de ter o livro. Segundo ^{Odi}Lunardelli, não adianta mandar o livro sem ter recebido o pedido, ^{pois} os "livreiros" não aceitam. Somente aqui em Florianópolis ~~é que~~ os livros são distribuídos para as "livrarias" e ainda ^{há} alguns pontos alternativos de venda — hotéis e bancas de jornais. Esta afirmação é desmentida pelo professor e escritor Lauro Junkes: "os livros meus que foram editados pela Lunardelli não saíram da livraria Lunardelli". Lauro confessa estar bastante frustrado com essa situação e acusa a editora ~~Lunardelli~~ de não ter "a menor preocupação em fazer os livros circularem pelo estado, nem fora dele". "Acredito que, ^{no fundo,} o problema está na questão do lucro, ^{pois} não colocando os livros fora de suas livrarias ele não precisa dar a percentagem que cabe ao livreiro". ~~Lauro chegou a esta conclusão~~ ^{Lauro chegou a esta conclusão} após ter conversado com ^{Odi}Odi lon sobre o assunto ^e "ele não se mostrou preocupado com o assunto, ^{mas} disse que nem que ^{fosse} ~~fosse~~ em dez anos, ~~mas~~ o capital investido reverterá para a editora".

Justamente por não existir um projeto definido de distribuição, os trabalhos ficam mais difíceis tanto para editores como para livreiros. Os distribuidores acabam dificultando todo o processo de penetração do livro. (ver

debate).

^{Bruno} ✓ Silveira de Souza, que é responsável pela editora da Fundação Catarinense de Cultura, afirma que todas as estratégias adotadas pela fundação, para colocação de seus livros no mercado, não seguem regras rígidas. ^{DIZ} que, na verdade, não existe uma estrutura organizada para distribuição dos livros. Ela é feita aleatoriamente, dependendo das condições financeiras da Fundação e do título editado. Silveira ^{de Souza} salienta ainda, que a parte de distribuição constitui um esquema difícil e oneroso, ^{requerendo} ~~que~~ ~~seja~~ material humano especializado. Enfim, a distribuição custa muito caro.

^{Opinião dele} Na ~~seu~~ ^{para} ~~opinião~~, o ideal seria ter um bom esquema publicitário, ^{desde} uma pessoa que entendesse de distribuição e de vendedores que percorressem de norte a sul o estado, ^{Juntamente} ~~e que se~~ ~~com isso~~ ~~deveria~~ ~~haver~~ ~~ativos~~ ~~em~~ postos de vendas exclusivos em várias partes.

A editora da Fundação existe desde 1980. Editou até 82 uma média de 12 títulos anuais, com uma tiragem total de 12 mil exemplares. A partir de 83, quando a Fundação começou a passar por sérias crises financeiras, o número de títulos ~~editados~~ ~~anualmente~~ baixou para 7 (sete), sendo que a tiragem continuou a mesma.

Desde então, o principal canal de escoamento de suas edições são as escolas da rede estadual de ensino. Através de concursos como "Maratona" e "Itinerante da Literatura", os alunos realizam trabalhos sobre ~~algum~~ ~~livro~~ ~~editado~~

em uma prateleira lá no fundo, escondida".

Quando ao problema a nível nacional, Silveira ^{de Souza} ~~de Souza~~ ^{diz} ~~que~~ que até as grandes editoras o encontram, ^{Ressalta contudo, que} ~~elas~~ possuem mais recursos para fazer ~~os~~ seus livros chegar ~~em~~ às "livrarias" e vender ~~os~~. Salienta ^{ainda} ~~contando~~, que a tiragem continua sendo pequena para atender o número de leitores e existente no Brasil.

Já a editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), adota diferentes maneiras de distribuição, ~~Uma~~ com relação a Florianópolis e outra com relação ao resto do país. Para Florianópolis, os livros editados são levados às livrarias pelos próprios funcionários da editora (quem estiver disponível leva para as livrarias). São quatro as ~~lojas~~ que vendem seus livros: ^{da UFSC} a Catarinense, a Estudantil, ~~a~~ Lunardelli e Centro de Convivência. O resto do estado não recebe os livros. Segundo Salim Miguel, responsável pela editora, esta é a grande falha no sistema de distribuição. ^{Explica que,} ~~da editora~~ "as causas são as mais diversas, mas a que mais pesa é a falta de verbas", ^{segundo ele,} que impede a contratação de pessoas para cuidar da distribuição. Essa falha existe no sistema de distribuição para o estado, pois para o resto do país, Salim o considera bastante funcional. ^{Neste caso, ressalta que,} os livros são mandados para as distribuidoras das principais regiões do país através do programa "Conta Novidade".¹⁵ Ou seja, todo o lançamento chega ao Rio Grande do Sul, São

⁵ Pacote que contém todos os últimos livros publicados pela editora da UFSC.

Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Por ser uma editora da Universidade, ela mantém um intercâmbio com as editoras das Universidades de diversos estados. ~~Quando~~ Cada uma ^{fica} responsável pela divulgação dos livros da outra.

Uma das inovações que a editora fez ~~este ano~~ ^{em 84}, numa tentativa de melhor comercializar seus livros, foi a colocação do produto em bancas de jornais. Existem seis bancas que vendem os livros e, segundo ~~afirmação de~~ Salim Miguel, a venda não ^{corresponde} ~~está correspondendo~~ às expectativas.

Atualmente a editora da UFSC lança no mercado cerca de 35 títulos anuais, num total de 60 mil exemplares. Enquanto ~~ela~~ trabalhava com 20 títulos anuais, ^{enfrentava} ~~estes títulos~~ grandes problemas com a distribuição, ~~ressalta Salim Miguel~~ pois nenhum distribuidor ^{explica Salim Miguel} se interessava por uma editora com poucos títulos. ^{Acrescenta que,} ~~agora~~ que a produção aumentou, ^{que} a circulação é bem feita e ^{que} os livros são bem recebidos. O problema ^{ênfatisa} continua sendo com a distribuição a nível estadual.

Sem os mesmos recursos que as editoras oficiais, funciona em Florianópolis a editora Noa Noa. Para Clêber Teixeira, dono, tipógrafo, conselho editorial e distribuidor, o que interessa mesmo é a qualidade e não a quantidade. A editora funciona em esquema artesanal, desde a impressão até a distribuição. Segundo Clêber, as pequenas editoras dependem de vendagem, "então têm que fazer a coisa circular". Ele próprio vai às livrarias e deixa o exemplar

para ser vendido. ~~T~~Trabalha também com o serviço de reembolso postal, fazendo suas edições circularem nacionalmente. Foi assim que conquistou seu espaço de vendagem.

Cabe aqui ressaltar a situação dos criadores do produto da edição — os escritores — que não estão nada satisfeitos, pois não veem seus livros chegarem às mãos dos leitores.

Para os escritores que estão iniciando, a distribuição é um fator que interfere diretamente na edição de seus livros. Eles encontram dificuldades para publicar, pois o editor não sabe como escoar seus livros, já que os meios tradicionais de distribuição não dão importância a novos escritores. ~~Daí~~ não se sabe se eles vão vender. ~~Daí~~ a formação de uma categoria de escritores dita independente. Independente porque, segundo ^{Flávio} Barreto (~~escritor independente~~), ~~contesta~~ o

poder não só pela forma de linguagem mas pela forma de distribuição. ^{Esta se dá} Na base do troca-troca, de bar em bar, de mão em mão, ^{e assim, diz Barreto, os independentes} eles afirmam vencer o problema. Além ^{disso, acrescenta, participam} ~~da participação~~

em feiras de livros, em encontros de escritores, que são modalidades que funcionam. Barreto, que fez essas afirmações no debate "Cultura e Opressão" (^{realizado em novembro de 84, na OPSC}), ~~acusou~~ os distribuidores de

^{Revela que o} serem os grandes responsáveis pelos problemas na literatura. ~~o~~ distribuidor ganha muito mais que o editor, que o livreiro que o escritor.

Lauro Junkes, que já tem vários livros publicados, também se queixa da distribuição em nosso Estado: "ela

é extremamente precária. Antes o problema era editoração. Ven-
 cido isso, o problema passou a ser a penetração dos livros.
 De modo geral nenhuma editora em Santa Catarina possui uma
 estrutura organizada de distribuição; a única preocupação é
 editar".

Assim como Lauro, Alcides Buss (escritor) também
 fez declarações quanto à situação do livro em Santa Catarina
 (ver debate).

DISTRIBUIÇÃO: PROBLEMA OU NÃO?



Debate: 13/12/74

O debate que colocou o problema de distribuição _
 (em pauta) pela primeira vez em Santa Catarina, contou com a
 presença de Alcides Buss (escritor), Hamilton Alexandre (Li-
 vro Usado), Alírio Ebehart (Presidente do Sindicato dos Jor-

A distribuição
de livros em
Santa Catarina
DEBATE



CURSO DE JORNALISMO DA UFSC
DIA 13 DE DEZEMBRO DE 84, 20 HS

naleiros), Théo Last e Marta Martins Silva (Distribuidora Conel e livraria Cuca Fresca), Cléber Teixeira (Editora Noa Noa), Walter Costa (professor), ~~Arbádoz Nossé Karam~~ ^{autora} ~~professor) a~~ ^{Assistente} deste trabalho, Jossane Ristow, e ^o ~~o~~ orientador ^{e prof.} José Gatti.

Este debate teve como objetivo levantar a questão do livro em Santa Catarina. Fazer um mapeamento da distribuição dos livros editados aqui e os ^{de} fora do estado, ~~verificando sua~~ ^{verificar a} penetração. ~~de~~ ^{de} ~~esses livros.~~ A distribuição é considerada um ponto de estrangulamento da maioria das editoras. Então, ^{foi uma} esse encontro ^{ou seja} ~~foi uma~~ tentativa de ver como ^{ou seja} is so se dá aqui em Santa Catarina, como é feita, a nível estadual, essa distribuição. (Se ela tem problemas ou não.)?

Um dos participantes, Hamilton Alexandre, iniciou o debate dando sua opinião sobre o assunto. "Quanto à distribuição do livro, eu acredito que o maior problema para os livreiros é a questão do custo. A dificuldade da penetração do livro, o repasse do livro ao consumidor em pequenos postos de vendas, em pequenas livrarias, livreiros independentes e em bancas de jornais, se resume na questão do custo para o livreiro. Incluindo a questão de prazo, das exigências que as distribuidoras fazem para o livreiro. O maior problema que eu já tive foi com relação às diversas exigências das distribuidoras, que dificultam a penetração do livro. O que acontece em Santa Catarina, na distribuição do livro, é um monopólio cada vez maior das grandes livrarias. As editoras não tem uma polí

tica de distribuir o livro para as livrarias. Elas querem fazer o seguinte: o que é comum — antigamente você podia ir numa editora em São Paulo e comprar alguns livros, hoje em dia as próprias editoras repassam, descentralizam — seu trabalho colocando em cada grande cidade ou em cada capital uma distribuidora, que vai repassar o livro para as livrarias. Então você não pode comprar direto da editora, tem que comprar da distribuidora. Isso com prazos mais limitados, com maiores dificuldades. E em Florianópolis não há uma distribuição que não seja varejista, ~~o~~ atacadista do livro geralmente é o próprio varejista; o distribuidor também tem o papel de livreiro.))

José Gatti ressaltou o ineditismo desse encontro: "Agora, neste instante, nesta sala, a gente tem um momento privilegiado. Acho que em Santa Catarina jamais se reuniram representantes de livreiros, distribuidores, jornalheiros, autores e editores. Então seria interessante a gente ouvir — essa questão que a Jossane levantou — existe problema de distribuição em Santa Catarina? Porque algumas pessoas ligadas especificamente à distribuição de livros, foram convidadas para vir a este debate e não vieram? Provavelmente para elas não há problema nenhum".

Marta, a única distribuidora presente deu seu parecer: "Eu gostaria de falar como distribuidora, é uma pena que só nós da Conel ~~estamos~~ ^{estejamos} aqui como distribuidores. Hoje em dia acho que a questão do livro não está dissociada de todos os outros problemas econômicos e de monopólios que a gente está acostumada. Aqui em Santa Catarina, a

gente pode dizer que não existe distribuidor, de fato. Há problemas porque a maioria dos distribuidores são distribuidores e livreiros, então não dá para fazer a distribuição como se deve. Porque na distribuição, numa média geral, existe um desconto das editoras com o padrão de 50% do livro para distribuidores. Então se um livro custa Cr\$ 5.000, para nós sai Cr\$ 2.500. Existe também um desconto padrão que o distribuidor deve dar aos livreiros que é 30%; a margem de lucro do distribuidor é a diferença. Parece que existe um distribuidor que é só distribuidor em Santa Catarina, que é a distribuição de livros jurídicos. É um distribuidor que não tem loja, mas também vende. Na verdade, não existe a loja convencional, com vitrine, mas existe a venda direta ao consumidor. Mas de uma forma oficial seria só distribuição.

Quanto ao fato que o Hamilton levantou, da compra direta da editora, é uma questão difícil. As editoras ~~são~~ ^{estão} em muitos lugares, claro, concentradas no Rio e em São Paulo. Mas fica muito difícil a circulação destes livros, a venda dos livros. Então a meu ver, é importante a existência do distribuidor estadual ou regional. O que eu discordo é o distribuidor que não trabalha como ^{tal} ~~distribuidor~~, aquele distribuidor que não visita as livrarias, o ~~distribuidor~~ que não repassa o desconto correto. Aquele distribuidor que, por exemplo, segura determinados títulos que são mais interessantes para ele vender na sua livraria. Quer dizer, ele segura para a própria livraria para poder ter uma margem de lucro maior. Só para citar como exemplo: um livro

que está sendo super lido - "O Nome da Rosa" - é um livro difícil de encontrar na distribuidora. No entanto, ela é obrigada a ter o livro e, você vai ver, eles estão segurando o livro para a sua livraria."

Marta afirma que veio para Florianópolis com a intenção de trabalhar só como livreira. Chegando aqui encontrou o monopólio dos dois grandes distribuidores: Catarinense e Lunardelli. A única solução para sobreviver foi abrir também uma distribuidora: "Só que com uma diferença importante: como livreiras nós não competimos com a distribuição. Nossa livraria é especializada em literatura infanto-juvenil e, como distribuidor, trabalhamos em todas as outras áreas. Nós nunca deixamos de ter um livro, que nos interessa a nível de livraria, para poder repassar a outros livreiros. Esse problema é sério; hoje as editoras também estão preocupadas, porque para elas isso não é bom. Por exemplo, muitas editoras mudaram de distribuidora. Hoje nós estamos com 17 distribuições, para uma livraria que diziam "eles estão brincando de livraria". Porque realmente não dá, com os dois sendo os maiores distribuidores e livreiros ao mesmo tempo, nenhuma livraria segura".

A distribuidora Conel adota certos princípios que fez com que ela ganhasse prestígio e confiança das editoras. Um deles é a visita constante ao livreiro, tanto do interior como de Florianópolis. Marta e Théo garantem que não se deixam abater pelo "não quero o livro", mesmo que o livreiro diga isso, ele é visitado. Todos os catálo -

gos das editoras são distribuídos.

ACRESCENTANS "Outra coisa que a gente está fazendo a partir desse ano, é trabalhando junto as bancas de revistas. A gente considera que o jornaleiro é um ponto de venda que precisa ser respeitado; então damos a eles o mesmo desconto que damos para livrarias - 30%".

Falando especificamente da distribuição para o interior, Marta colocou as diversas dificuldades que encontram: "O primeiro problema muito sério é o custo das viagens ao interior, a gasolina. Se você vai de ônibus, só dá para visitar duas cidades e tem que voltar. Como o preço do livro é tabelado, não há lucro, fica muito difícil. O que a gente tem condições de fazer é, por exemplo; ~~três~~ ^{LONGAS} duas ou três viagens ao interior, ~~viagens longas~~ e o restante você trabalha via mala direta, via telefone. Através de cursos, via professores. Quer dizer, você estipula também outros meios para chegar até o livreiro. De modo geral, em termos de Santa Catarina, a gente poderia dizer que existem cinco livreiros no interior. Cinco que a gente pode chamar de livraria; o restante são papelarias. São lugares que também vendem livros e num número muito pequeno. Por exemplo, eles tem lá alguns Jorge Amado e são livros diáticos. Então eles precisam de uma orientação, pois eles acabam comprando, por exemplo, cem mil e ele não vai ter retorno, então ele é um comprador temporário.

→ está confuso
Acho que pode sair.

Falando em distribuição para o interior, Alcides Buss coloca o problema ~~da distribuição~~ dos livros editados aqui em Santa Catarina, que acredita ser mais grave ainda: ~~primeiro~~, primeiro, como estamos ^{Constatando} ~~constando~~ aqui, nós não temos grandes distribuidores, editores e livreiros. Quantas livrarias possuímos no estado? Então, para o escritor catariense, realmente a situação fica difícil. ^{Tomei} ~~estava tomando~~ conhecimento que a própria editora da UFSC, naqueles livros de interesse local, ~~ela~~ vende mais fora do estado do que aqui".



Da esquerda para direita - Marta Silva - Hamilton Alexandre
 Nas extremidades, esquerda - Marta Silva; direita - Hamilton Alexandre

José Gatti reafirma a questão levantada por Alcides Buss, dizendo que "não tem esquema de distribuição aqui, simplesmente não tem e não interessa. Ela distribui para o Brasil inteiro, para três livrarias em Florianópolis e o

resto do estado de Santa Catarina não recebe livros da editora da UFSC."

Alcides Buss ^{POR SEU TURNO} voltou a comentar que, por falta de uma distribuição adequada, os livros não chegam às livrarias. No entanto, ~~ele~~ acredita que a contratação de um vendedor, pela editora da ^{UFSC} ~~UFSC~~, pode ser o primeiro passo. "Vamos ver no que vai dar isso", ^{disse} ~~disse~~ ^{ele} ~~disse~~, segundo ~~ele~~ ^{ele} ~~disse~~, "a Fundação Catarinense de Cultura, que também edita, ^{há} ~~há~~ algum tempo, ^{já} ~~já~~ editou com uma certa intensidade. Ela nunca se preocupou com a distribuição, dando a entender que o importante é publicar, quer dizer, ~~apenas~~ a distribuição e a leitura não interessam. Os próprios editores que nós temos aqui, ~~eles~~ não valorizam a distribuição dos seus livros. Talvez valorizem mais a edição dos outros ~~livros~~ do que aqueles seus. A gente vai no interior e não vê livros da gente..."

Cleber Teixeira, da editora Noa Noa, levantou um dos pontos que provocam a falta de interesse em distribuir. "Eu vou tomar o caso da Lunardelli, que é o editor local e ~~ele~~ edita o livro industrial. Eu acho que é preciso observar bem se é edição sempre da Lunardelli, ou se é Lunardelli com Universidade, ou com... Esse ~~com~~ é que faz com que ele não tenha o menor interesse em distribuir. Porque a edição já está paga. E outra coisa, sem nenhuma acusação, ^{a Lunardelli} ~~que~~ ~~eu~~ não tenho dados. ~~Mas~~ ~~Não~~ está comprovado que ~~ela~~ realmente faz toda a tiragem contratada, porque pode ser que ~~ela~~ não tenha para distribuir. Pode ser que os 3.000 exem-

plares se limitem aos 1.500 que ~~ele~~ entregou".

Quanto às co-edições, Hamilton Alexandre tem mais a declarar. "Por exemplo, estas co-edições da Fundação , principalmente com a Lunardelli. Você vai lá no depósito da Lunardelli e não tem livros de co-edição, enquanto que na Fundação tem um enorme depósito carregado de livros. Certa vez um Superintendente da Fundação disse que não sabia o que fazer com os livros: "estou aqui com um estoque, peguei essa banana". Quer dizer, para que está preocupado com a cultura.. O interior não tem livro, ninguém vê ~~os~~ ^{os} ~~livros~~ ^{A Fundação}. Então uma alternativa que ~~eles~~ tinha achado para acabar com o estoque era ~~o seguinte~~: fazer um pacote, tirar um pouco de cada autor que tivesse lá e mandar às escolas, sem critério nenhum. ~~Então~~ Com isso ~~eles~~ ^{o seguinte} estariam mostrando "olha estamos distribuindo, estamos mandando". A Fundação não se interessa em vender, porque os livros já foram pagos. ~~É~~ o dinheiro público e ~~eles~~ não estão interessados com o retorno. A própria questão da edição já é vinculada a uma questão de falta de critério. Não se edita o que realmente se deveria editar. Se edita o que é conveniência.)

Para Alcides Buss essa declaração prova que "o problema não é só das editoras, ou das co-editoras ou ainda das distribuidoras. O que falta realmente é uma política cultural em geral e, especificamente, na área do livro. Em termos de divulgação o que se faz pela produção cultural nesse estado? O resultado é que nós temos em Santa Catari-

na escritores municipais, graças a atuação de ^{cada} escritor na sua localidade, na sua região. Até escritores importantes são conhecidos só na sua cidade e, fora disso, são ilustres desconhecidos. Automaticamente ninguém compra seus livros. Outro problema ~~são as~~ ^{todas} tiragens, ~~as tiragens~~ ^{que} são pequenas e os distribuidores não se interessam, ~~os livros não queiram~~ ^{mentas} são ~~pequenas~~, especialmente quando é de poesia. O preço de capa é baixo. O lucro do livreiro é muito pequeno, ^{e, por isso} ~~então ele~~ não tem interesse. A melhor saída para o autor catarinense é publicar alternativamente e sair por aí distribuindo seus livros. Eu particularmente tenho essa experiência e vejo que, trabalhando, as coisas funcionam. Mesmo quando a gente vai para o interior e vai a essas papeliarias, até aí ~~Algaroba~~ consegue vender alguns livros. É preciso que o livro esteja lá primeiro para que alguém possa encontrá-lo. Então, essa edição do autor ainda é o que funciona em Santa Catarina. ~~Porque~~ ^{se} publicar através da editora da Fundação, ~~ele~~ continua inédito depois de publicado.

Comentando a respeito dessa edição do autor, ~~ela~~ ~~há~~ ~~alguns~~ ~~anos~~, Hamilton acredita que ela diminui o raio de ação do autor. ^{Diz} ~~ela~~ que dificilmente ~~ela~~ conseguiria cobrir o estado todo. ~~Hamilton~~ ^{Por isso} ressalta, ~~então~~ ^{PROPONDO} a necessidade de se fazer uma discussão muito maior, ~~ela~~ ^{propõe que} ~~se~~ ~~fizesse~~ um debate sobre a questão cultural. ^{Hamilton justifica que ele servirá} "Para se questionar quem está nessa área, os órgãos de produção cultural, ~~o~~ que esses órgãos estão fazendo?..."

Por seu turno

José Gatti ressaltou^a, mais uma vez, a ausência de representantes das editoras oficiais: a Fundação^{FCC} e a UFSC. ~~lamenta, especialmente a ausência de representantes~~¹ principalmente da editora da UFSC, já que o debate está se realizando em pleno Campus. ~~Comente~~^{Diz} ser muito significativo esse não comparecimento, considerando-o reflexo da falta de interesse pelo assunto.

Como hipótese

Walter Costa salientou que a ausência ~~de livros~~ talvez se deva ao fato de que sua distribuição a nível nacional esteja dando certo: "Ela está vendendo que é por aí a saída". ~~Walter discorda da~~^{CRITICA AINDA A} atitude regionalista; "a única literatura tipo regional que funcionou no Brasil é a do Rio Grande do Sul, por uma série de razões históricas. Lá eles realmente tem um mercado regional". Continuou dizendo, a seu ver, onde estão as falhas: "e realmente é um problema de organização da cultura no estado. Falta uma imprensa que faça as resenhas dos livros, ~~Falta~~^m bibliotecas públicas, ~~Falta~~ uma política cultural da FUNDAÇÃO CATARINENSE de CULTURA Secretaria de Educação, da FCC, por que tudo isso está ligado a questão do livro. Os livros não são distribuídos no ar. Na prática, os autores catarinenses acabam sendo cooptados pelo sistema, sendo editados e não distribuídos. ~~Acabam~~^{COM ISSO} entrando na ideologia do catarinismo. ~~A~~ que na prática acaba se protegendo literatura de 3.^a, 4.^a e 5.^a categoria. Isso não quer dizer que não possa ter muita gente boa dentro. Mas o sistema de ~~educação~~^{EDUCAÇÃO} não tem mecanismos que pos

samplevar a uma edição. Uma seleção natural de bons autores; isso só se faz através de ~~de petição~~ ^{Colaboração dos Meios de Comunicação}, ~~com a imprensa~~ e uma série de outros mecanismos".

Além de uma efetiva participação da imprensa, Alcides Buss acha que deveria ser feito um trabalho através da rede escolar em Santa Catarina. "Um trabalho de divulgação, de conhecimento crítico, ~~de divulgação crítica~~ da seguinte forma: vamos levar a nossa produção literária às escolas e vamos levar também os autores para discutir com os estudantes, com o professor. Nós temos que ver ^{qual} ~~o seguinte~~, o próprio profissional do magistério é um cara desinformado. É um cara que ^{e por isso} ~~desconhece tudo~~ ^{é preciso} que haja um trabalho completo, a partir de uma política cultural, a partir de projetos sérios. Todo mundo deve se engajar e fazer sua parte, inclusive o escritor".

Hamilton Alexandre por sua vez, ressalta a necessidade de se fazer um novo debate e bem mais amplo, que englobe "a questão do livro em geral e que saia um projeto com sugestões, até a nível governamental. (...) Acho que o pessoal que organizou este encontro está até se surpreendendo, pois essa questão da distribuição do livro aflorou em tantos outros problemas".



Alcides Buss

"Entre outras surpresas que nós estamos tendo, sentimos a necessidade de comunicação entre as pessoas que trabalham com o livro em Santa Catarina", afirma José Gatti. Ressalta, ainda, ^{A importância de conhecer} ~~que é importante que todos conheçam~~ a situação real do livro em Santa Catarina, ^{dizendo que} "essa informação precisa começar a circular".

~~Endossa as afirmações e acrescenta~~ Marta ~~ressaltou o fato de~~ que esse trabalho de conhecimento da situação do livro em Santa Catarina, deveria ser encampado pela Universidade, através de um projeto de pesquisa. Hamilton, ^{sugere, para seu turno,} ~~reafirma isso~~ dizendo que a Universidade ^{propõe} ~~deveria propor~~ um fórum de discussão.

Para Alcides Buss, ^{no entanto} o primeiro e importante passo, ^{Justifica que} ~~há~~ é tornar público esse debate: ~~há~~ ^{há} de alguma forma ele vai se ampliando e ~~está~~ mexendo com as cabeças. É ^{Meios de Comunicação de Massa} preciso que o ~~processo~~ encampem essa briga também".

~~Sendo~~ ^{Já} Marta, ^{diz} é preciso esclarecer o que é realmente catarinense e voltar a insistir na questão do monopólio existente na distribuição a nível estadual: "A Catarinense, por exemplo, é um grupo de Curitiba, aqui é uma filial, com outro nome, mas o trabalho é ligado. Já o Luardelli ^{tem} é uma editora, uma livraria e um distribuidor catarinense, ele nasceu aqui. Como também acho que não é uma questão de ser grande ou pequeno, porque não é por ser pequeno que a gente está aqui hoje. Nós estamos aqui porque nosso trabalho é diferente e queremos discutir qual o trabalho que pode ser feito para ampliar a leitura e melhorar a distribuição. Eu até poderia não ser contra ~~ao~~ ^o monopólio, ^{mas} ~~agora~~ sou contra existir discordâncias a nível de venda, de pontos de vendas, de descontos. Então essa é a questão: precisa existir uma política de venda do livro, uma política de distribuição do livro. A gente falou de política cultural, ^{o que} ~~também~~ concordo, ^{mas acho} ~~o~~ que é uma questão mais ampla. O que tem que haver, volto a insistir, é uma política de distribuição que realmente seja cumprida. Que realmente garanta o suprimento às livrarias, porque nenhuma livraria vai investir sabendo que tem distribuidor que vai investir mais barato que ela, como livreiro também. Acho que essa é a questão central do debate".

Alírio Ebehard, que é presidente do Sindicato dos Jornaleiros e possui uma banca no centro da cidade, tem uma experiência muito concreta com relação ao monopólio, ^{aquela} ~~que~~ que a distribuidora Abril exerce sobre todas as

bancas existentes no país: "Ela impõe seu ritmo de mercado". Segundo Alírio, ~~se eles~~ ^{os jornalistas} quiserem trabalhar com uma edição da Abril — a revista Veja, por exemplo — ~~eles~~ têm que comprar todas as outras edições: "Revistas que seguramente não vão vender; pagamos adiantado e o prejuízo é todo nosso".

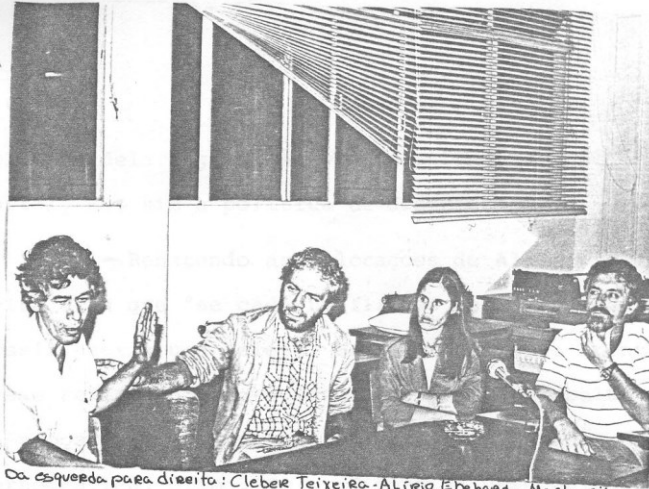
Cleber Teixeira faz uma ressalva quanto à gravidade da situação dos jornalistas diante do monopólio da Abril, mas também ressalta o fato de que a "Abril produz coisas de altíssima qualidade a preços muito baixos. Foi a Abril que possibilitou que o público, público inédito no Brasil, consumisse "Os Pensadores", 120 mil exemplares. Como é, a Abril é um monstro? Alguém que produz livro de alta qualidade, bota a preço de banana banca, em qualquer banca, em qualquer lugar do país, não pode ser decapitada tão facilmente."

Concordando com Cleber Teixeira na questão que a Abril coloca ao acesso do povo ^{LIVROS QUE SÓ UMA MINORIA} ~~uma cultura elitista~~, Marta Silva adverte que tem que se avaliar de como é feita a distribuição. Acredita ainda que essa atitude da Abril "desestrutura as coisas para o livreiro e quebra o jornalista".

podem comprar



Hamilton Alexandre - Theo Last - Marta Silva



Da esquerda para direita: Cleber Teixeira - Alírio Edwards - Marta Silva e Théo Last

~~Para~~ Cleber Teixeira ^{explica, ainda:} ~~que brinca com as coloca-~~
~~ções feitas dizendo que~~ "eu não estou defendendo a Abril ,
 não ganho um centavo para isso. Mas olha, é bom para todo
 mundo poder chegar nas bancas e comprar o livro a preçobai
 xo".

Alírio, no entanto, se mostra incansável quando _
 se trata de fazer acusações a quem considera ser o grande
 vilão do mercado editorial brasileiro — a editora Abril .
 "Esses livros sô servem para quebrar o jornaleiro. Vai ver
 quantos jornaleiros vendem esses livros aí. Vamos dizer
 que ~~tenha~~ ^{existam} 50 jornaleiros em Florianópolis; se tiver 10 ven
 dendo, tem muito. Se 10 venderem 5 exemplares cada um, é
 muito também. Acontece que a editora precisa disso aí para
 manter uma imagem de cultura. Ela tem que contrabalançar a
 quela imagem "clandestina" que ela tem de distribuidora de
 revista pornográfica. Ela precisa manter a imagem para po
 der penetrar no meio intelectual, na classe média, isso é

política dela. Agora não vou questionar sua política editorial, mas sim a política de distribuição."

Rebatendo as colocações de Alírio, Cleber Teixeira acha que "se cada um fizesse esse tipo de título no Brasil, seria uma beleza. Se a editora Nova Fronteira editasse revista pornográfica e fizesse um trabalho sério para adoçar a boca dos intelectuais, mas vivesse de revista pornográfica, ótimo. Se a editora da UFSC editasse revista pornográfica e mudasse a sua linha editorial, parabéns para a editora da UFSC!"

Marta Silva só não concorda com o monopólio que a editora Abril exerce: "Todo monopólio a nível cultural é ruim. Por exemplo, ~~existem~~ ^{existem} tantas editoras que também têm coisas boas e poderiam estar nas bancas; no entanto, é a editora Abril e agora a Brasiliense ~~podem~~ ^{aqueles que} podem."

Para Walter Costa, apesar dos livros constituírem uma mercadoria especial, eles obedecem à circulação das mercadorias no sistema capitalista em geral. "A Abril representa o que tem de mais avançado em termos de capitalismo em editoração no Brasil. Acho que esse lado de qualidade não é só para enganar não. ~~Acho~~ ^{Acho} que é uma coisa inédita no mundo uma coleção como "Os Pensadores". A Argentina tem alguma coisa parecida, mas muito inferior ao da Abril. ~~Agora~~ ^{é claro que} isso não exclui todas as sacanagens que a Abril faz. Falando agora em termos de Santa Catarina, acho

que não vai ser resolvido o problema enquanto for colocado só em termos de estado. No caso da Abril, ela atua em termos de Brasil, em termos de capitais brasileiras, e o que funciona é isso. Na prática todo sistema de editoração no estado é feito na base do compradismo. Então você edita porque o fulano é amigo de fulano. Tanto que os poucos livros que a editora da UFSC vende é fora do estado. ~~Como~~ ~~Porque~~ o Salim Miguel é um cara que esteve fora, ~~ele~~ aplica no mercado nacional. É a única saída. O dia que algum editor, ou mudar a política cultural do estado, uma série de outras coisas, e os autores começarem a investir na literatura para nível nacional, aí, sim vão começar a funcionar as coisas. Senão é coisa de amador que não vai competir com as coisas que se fazem no Rio e São Paulo, de maneira alguma."

Alcides Buss considera todos esses fatores importantes, mas acredita que o problema aqui em Santa Catarina seja: "falta de leitores primeiramente, falta de livrarias, falta de críticos, de colunas especializadas, falta de distribuidores, falta de tudo. Agora veja o seguinte, lá em Caçador tem uma livraria. Tem lá uma casa com um título bem grande na frente - LIVRARIA. Aí chega lá ~~da~~ Lunardelli, ~~que edita livros,~~ oferece para a livraria o livro editado. O livreiro vai ter que pagar, ~~A~~ acontece que o livreiro não conhece o autor, não conhece o livro e acha que ninguém vai comprar esse livro. Então ele também não vai comprar. Agora se alguém for lá e divulgar na cidade,

mesmo que seja através da escola, e garantir ao livreiro_ que pelo menos dez livros ele vai vender, ele vai comprar dez livros."

"Quem seria essa pessoa", questiona Cléber Tei_ xeira.

Alcides Buss diz que isso é um hábito que deve ser criado, que é um trabalho que precisa ser feito para melhorar a situação.

O problema, insiste Cléber, é que "essa gente forma grupinhos, são sempre eles. Você sabe isso melhor _ do que eu".

"Eu sei, isso tem que ser denunciado e temos que deixar claro que não é um trabalho difícil", garante Alcides. Ressalta ainda que só com esse trabalho haverá possibilidade de se conscientizar livreiros e se criar li_ vrarias de fato. ^{Acrescenta} "E de repente nós teremos leitores por aí. Isso não é só para a produção literária catarinense ; vale para todos".

Cléber acredita que essa proposta seja boa, "porém se ^{houvesse} ~~vi~~ ~~antes~~ antes de tudo vergonha, competência e vontade de trabalhar. São essas ^{coisas} ~~pequenas~~ que faltam aqui. Vou dar um exemplo: na Catarinense, com quem eu trabalho, deixo os livros (eu não estou nem discutindo a qualidade dos li_ vros) como qualquer pequeno editor ou médio editor. Sempre deixo os livros em consignação, e me pagavam lá pelas tantas. A única solução que ~~eu~~ encontrei, para não perder

dinheiro com a inflação, como sou consumidor, ^{foi também} compro livros
 e fica delas por elas, já que eu consumiria de qualquer ma-
 neira. Bem, sempre em consignação, não sou ^{como} editor que deixa
 lá, mas ^{como} freguês da loja e amigo da casa. Um dia o Airton, o
 gerente, me disse (escapou sem querer) que ele tinha acaba-
 do de comprar 200 exemplares do Crime na Baía Sul. Não es-
 tou discutindo a qualidade. Aí eu disse: mas você é um saca
 na, porque compra ~~de 200~~ 200 exemplares e eu deixo aqui
 5, 10 em consignação ^{por} ~~em~~ 7 ou 8 meses. Por que? São nego-
 ciatas, são caminhos escusos de negociação que se mantêm so-
 lidamente. É o sujeito que publica um livro, que é pago ^{sabe} ~~em~~
 lá por quem. "Por nós, é claro, contribuição do povo e que
 negociam com a própria escola onde ele dá aula para adotar_
 aquele livro e o livreiro entra na jogada. Compra por que
 vai grana nisso tudo aí. Não há seriedade nenhuma. Por isso
 eu acho sua proposta ^{do Alcides} boa, se não for falar em trabalho."

Marta levantou a possibilidade de se acabar com
 a consignação para os pequenos editores. Cleber porém não
 vê como, já que os livreiros não têm interesse, "eles vivem
 muito bem sem teu livro", ^{disc.}

Cleber levantou também outro fator que prejudica
 muito a melhoria da cultura local, ^é o fato de se hostili-
 zar as pessoas de fora, a produção de pescas de fora: "Is-
 so é uma enorme estupidez. O Alcides, por exemplo, levantou
 o problema do escritor especificamente ^{mente} aqui, evidente liga-
 do a distribuição, já que é o escritor que produz o produ-
 to da distribuição. Não sei se você teria condições e vanta

^{de} de entender esse debate e chamar a Associação dos ^EEscritores, por exemplo, ^Ppara saber deles qual é o problema, onde a coisa está emperrada. Porque a associação não é respeitada por alguns e recha^Sçada por outros, e por que eles não se manifestam?

Marta Silva explica o problema da distribuição no que se refere ao lado comercial, por falar por uma livraria, e a nível cultural, através de uma tentativa pioneira de distribuir livros no interior: "E como é difícil as pessoas separarem que uma coisa é a nível comercial e outra coisa é a nível oficial.. Nós fizemos um convênio com o sistema de bibliotecas públicas do estado, de fazer feira em todo o estado. É um trabalho que às vezes você faz e as vendas não cobrem todo o custo de montagem e tal. Mas nós estamos fazendo a divulgação, chegando até o público. O trabalho de chegar até o povão do interior e levando livros atualizados, é muito importante; já conseguimos muitas modificações. Agora nós estivemos em Rio do Sul; lá nunca havia acontecido nada nesse nível. O pessoal não lia nada. Pusemos preços bem acessíveis e foi vendido em dois dias Cr\$ 600.000. É algo considerável, ^{levando em conta} ~~consideran~~do o lugar. Quer dizer, há leitores".

Continuando sobre a penetração dos livros no interior, Cleber Teixeira se mostra preocupado com o desempenho das instituições públicas! ^{acreditarem} "E ~~é~~ ^{de} ~~isso que~~ proposta tipo da do Alcides e distribuidores particulares. Por-

que com relação à instituição pública, eu tenho muito medo de que eles inventem novos projetos, ^{eu} ~~eu~~ quero que eles acabem com esses que estão aí".

A nível de ~~escritoras~~ trabalho com livros de literatura infantil, explica Marta Silva, "que foi levantado aqui. Nós estamos fazendo dentro da feira de livreria, como distribuidor o papel é outro. Como no livreiro, isso os livros de literatura infantil, estamos levando o autor para o interior. Como foi em Rio do Sul, a escritora foi nas escolas e chamou todos para a praça. Anunciamos na TV e rádio que haveria uma feira na praça. Isso me deu com todo mundo".

Cleber Teixeira faz questão de incluir Florianópolis no âmbito de "interior": "Por que não fazer isso aqui? Isso aqui é um interior disfarçado. Está precisando ser conquistado. Aqui a situação é pior ainda porque as pessoas não assumem essa condição de cidade provinciana. Acho que temos que começar a admitir isso e trabalhar aqui também. Chamar o escritor, vamos conversar; combinamos com a Marta, dá para fazer na tua livreria? Topa um projeto desse, desde que não atrapalhe o negócio?"

"Eu já acho que tem que se fazer uma coisa que Fundação Catarinense de Cultura, Argumenta envolva a ACE", ~~argumenta~~ Marta Silva, "como representante do governo e que envolva particulares, para poder dar um subsídio financeiro ao projeto. Toda a parte de divulgação, de vinculação, de Marketing da coisa, para poder ser ampliado. Caso contrário vai ficar nesse marasmo".

Hamilton Alexandre, concorda com a importância do projeto e tenta ainda resgatar a imprensa. "A primeira coisa a fazer é tentar levar esse projeto adiante, partindo de uma conscientização através dos ~~Meios de Comunicação de Massa~~ ^{Meios de Comunicação de Massa} e tentar fazer alguma intervenção direta nessa questão a nível de estrutura de estado, que eu acho que é fundamental".

— Alcides Buss lembra que, politicamente, livro não é um bom negócio! "O problema é que não há interesse em trabalhar o livro. Livro não dá voto, segundo a opinião do cara que quer ser deputado amanhã. Então o que é preciso fazer? Aquilo que eu disse antes, nós temos que tornar público o que estamos dizendo aqui. ~~Porque~~ ^{Isso} é uma denúncia, e os caras vão começar a rebolar".

"Exatamente", concorda Hamilton Alexandre, "há necessidade de tornar público esse quadro da cultura catarinense, esse problema do livro, não só da distribuição, mas passando por todo o processo, desde o consumidor do livro até o autor. Ninguém está satisfeito, nem consumidor nem livreiro. A gente conseguiu ver hoje aqui a situação caótica do livro em Santa Catarina".

"Eu fico preocupado com essas propostas", salienta José Gatti; "como é que ficam?" ^{indaga...}

Alcides Buss acredita que a presença dos livresiros da cidade no debate ajudaria ampliá-lo. "Acho que a realização de outro debate, mas aí com a presença do Lunardelli,

da Catarinense. É só dizer que a imprensa vem, que aí eles comparecem".

Marta Silva enfatiza o problema do livro catarinense, a produção local: "Acho mais importante, ainda, a questão do livro editado aqui, a distribuição de livros catarinenses, que é onde a gente pode atuar. As outras distribuições, as particulares, não vão mudar. Acho que nossa atuação pode modificar a situação e ensejar o aparecimento do livro no interior do estado.

~~Mas~~ ^{Mais} uma vez a imprensa é lembrada no aparte de Alírio Ebehard: "O que é fundamental é chegar aos meios de comunicação, para pressionar o estado. Mas talvez, o que tem que acontecer antes disso, para maior eficácia inclusive, é o fato de se organizar. Ter uma organização mínima para poder pressionar os lados de uma forma mais consequente."

CONCLUSÃO

Apesar de encontrarmos vários outros problemas que dificultam a penetração do livro em Santa Catarina, a distribuição continua sendo o mais grave deles.

Contamos com apenas 200 postos de vendas no estado ~~em~~ ^{e sequer} metade deles recebem livros que atendam às ne-

RAZÕES PRINCIPAIS

cessidades de seus leitores. ~~Essa é a~~ falha dos distribuidores, desonestidade de livreiros e distribuidores, ~~há~~ falta de interesse das editoras ou, ainda, ~~há~~ falta de estrutura organizada de distribuição.

Esse trabalho colocou os principais entraves que dificultam a circulação do livro no interior do estado ^e em muitos casos aqui em Florianópolis. Esses entraves ~~são~~ ^{vão} desde a falta de uma política cultural mais realista até a falta de uma política de distribuição. Só não conseguiu responder a ^{duas} ~~uma~~ ^{questões} por que as editoras catarinenses não têm interesse em distribuir suas publicações, ^e como fazem ~~para~~ para sobreviver?

No caso das editoras oficiais (FCC e UFSC), existe o fato de que o capital investido para a edição de um livro, vem de outras fontes, de órgãos estaduais e federais. Ou seja, elas não dependem da ~~venda~~ ^{venda} do livro para sobreviver, o que provoca o desinteresse pela distribuição.

O mercado editorial produz anualmente 54 títulos com uma tiragem de 108 mil exemplares, considerando as editoras que editam regularmente. Para um estado que conta com uma população ^{de cerca de 3.800.000} ~~de 3.795.597~~, esses números seriam considerados pequenos se houvesse uma estrutura organizada para fazer circular esses 108 mil exemplares. A caótica situação da distribuição de livros em Santa Catarina tem interferido diretamente na produção literária e tem contribuído para o isolamento cultural do estado. Se os livros não che

gam as livrarias e, em consequência, ~~as~~ ^{as} mãos do leitor, não há um processo de seleção natural de bons autores. É o mercado que vai selecionar o que é bom e o que não é.

Existe a necessidade urgente de cobrar dos órgãos culturais do estado uma atuação mais consequente. Seja na ampliação do número de postos de vendas, de bibliotecas públicas e escolares, ~~na~~ ^{seja} criação de um distribuidor regional (para os livros editados aqui), ou, ainda, na compra permanente de edições para suprir as escolas e bibliotecas existentes.

~~Existe ainda~~ ^{Há também} a necessidade de cobrar dos meios de comunicação uma maior atuação, no que diz respeito à divulgação da cultura.

~~Constatado que existe o problema de distribuição, ficou também constatado que há a necessidade urgente de despertar o interesse para a criação de uma política de distribuição que atenda as necessidades do estado.~~ ^{a existência do} ~~clara~~

B I B L I O G R A F I A

- Ver dados Bibliográficos cidade, editora*
1. MAGALHÃES, Aluisio - et alii. Editoração Hoje. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro/1975.
 2. ANDRADE, Olimpio de Souza. O Livro Brasileiro desde 1920; 2.^a ed. Editora Catedra, Rio de Janeiro/1978.
 3. MOTA, Carlos Guilherme. A crise não é de livros. Folha de São Paulo, São Paulo 22 fev.1981. Folhetim p.11-15. ?
 4. AFFONSO, Maria Eugênia. O crescimento desordenado do livro. Administração e Serviços. / Dez. 1981, 06-13.
local, editora,
 5. Leia Livros - de julho a dezembro/1984.
 6. Revista do Brasil - Ano 1 - nº 2184 - de onde foi extraído o texto de Júlio Cortázar - traduzido por G.M.M. - artigo intitulado "Ler um livro é sempre botar o dedo no gatilho". Editada pela Secretaria de Ciência e Cultura e Prefeitura do Município do Rio de Janeiro.
 7. SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da Cultura brasileira, 8.^a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

DISCIPLINA: COM 1401

RELATÓRIO

ALUNA: Jossane Ristow

ORIENTADOR: José Gatti

A escolha do tema para o trabalho foi a etapa mais difícil. A única certeza que eu tinha é de que queria fazer sobre o livro. Depois de vários encontros angustiantes com o orientador escolhido — José Gatti — decidimos pela parte de distribuição do livro, assunto que a nível nacional há muito vinha sendo discutido. Resolvemos então levantar a questão aqui em Santa Catarina, que até o momento não tinha sido tocada, nem por editores, nem por distribuidores.

Justamente por ser um assunto que pela primeira vez foi levantado, contou com algumas dificuldades na obtenção dos dados. ^(isto se deu) Principalmente, no que diz respeito ao número de editoras, distribuidoras e livrarias existentes.

O levantamento foi feito com base nas declarações dos que trabalham com o livro em Florianópolis. Os dados estatísticos foram fornecidos todos em média, pois nenhuma distribuidora, nem editora tinha um levantamento preciso.

O trabalho exigia que eu visitasse o maior número possível de municípios. Mas, devido à falta de recursos para as viagens, isso não foi possível. Esse é mais um fator que influenciou na ^{usado} não exatidão dos dados obtidos. Porém, acredito que mesmo assim foi possível descrever a situação da distribuição dos livros em Santa Catarina.

Todas as etapas previstas no plano de projeto foram realizadas. O debate realizado no dia 13 de dezembro de 1984, teve um resultado muito positivo — na medida ^{em} que foi um acontecimento inédito — inclusive extrapolando o tema. Discutiu-se o livro e a cultura catarinense. Esse debate despertou para os participantes a vontade de levar ~~em~~ adiante um projeto para a criação de uma política de distribuição e uma política cultural, que estejam mais de acordo com as nossas necessidades.

Um fato que prejudicou as discussões foi a ausência de alguns convidados (Editora da UFSC, Editora Luardelli ^e Distribuidora Catarinense). Apesar de ter feito o que estava ~~a~~ meu alcance: convites pessoais, carta-convite, cartazes e divulgação pelo jornal e rádio locais. ^{Aliás,} Apesar ~~da~~ ^{era} ausência de alguns ~~ser~~ perfeitamente previsível, exatamente por se tratar de um assunto delicado que revela algumas "tramas" que envolve ^a publicação de livros em Florianópolis.

Uma outra grande dificuldade encontrada para a realização do projeto, e não só para mim, foi o semestre conturbado que tivemos. Metade do ânimo de todos perdeu-se com a greve que interrompeu o semestre e, depois, ^{as} férias ^{causas} fora de época.

No mais, a realização desse trabalho transcorreu normalmente, com muitos acertos e erros, ^o que era de se esperar.

As orientações que tinham um dia e hora fixos, por vezes não foram cumpridas. Algumas vezes pela ausência do orientador, outras por falta minha. Acredito que a afinidade com o assunto nos levou (orientador-proponente) a manter um bom relacionamento. Ambos queriam ter em mãos um bom trabalho e sabíamos que podíamos consegui-lo.

Espero que os resultados desse trabalho de meses tenha dado uma parcela de contribuição para o livro catarinense, para o livro em Santa Catarina.